

## A FRAGMENTAÇÃO NA ATUAL POESIA BRASILEIRA

Nea de Castro (FURG)

**RESUMO:** A fragmentação é estratégica prioritária na lírica hesitante da atualidade. Na cena brasileira, o código poético, que se afirma em poetas como Cláudia Roquette-Pinto, Rodrigo Garcia Lopes, Arnaldo Antunes e outros, procura recolher as dispersões, lacunas, interstícios, interconexões, que vêm caracterizando a Era das Reciclagens, mesmo num país periférico como Brasil. No horizonte crítico, ainda relativamente impreciso, a poética da hesitação elabora perfis e ritmos para a ausência de fixidez do sentido, em meio às tensões entre globalização e localismos.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Fragmentação – Poesia – Literatura Brasileira Contemporânea

Uma imagem da contemporaneidade é sugerida – ou apenas pressentida – por Jean-François Lyotard nesta reflexão sobre o pensamento do filósofo e sinólogo François Jullien: um “longo percurso oblíquo entre terrenos incertos” (1998: 11). Nesse contexto, um grupo de autores vêm constituindo uma poética da hesitação, que tem como estratégia prioritária trazer para o primeiro plano a fragmentação do dizer e dos sentidos. As conclusões parciais apresentadas aqui se relacionam ao projeto “A lírica pós-moderna no Brasil”: estudos de Paulo Henriques Britto, Age de Carvalho, Augusto Massi, Alexei Bueno, Arnaldo Antunes, Rodrigo Garcia Lopes, Alckmar Luiz dos Santos, Adriano Espínola, Cláudia Roquette-Pinto e Valdo Motta.<sup>1</sup>

Fragmentos do corpo, do desejo, decompõem a cena primitiva, bíblica, da sexualidade e, simultaneamente, atualizam-na, em *No Éden*, de Cláudia Roquette-Pinto. Pela estratégia da fragmentação, deslizam para a cena a memória da infância, outras identidades, e o peso das coisas. Ao mesmo tempo, o leitor acompanha a desmontagem da única estrofe, dos versos e das palavras - com efeitos na acumulação de sentidos e na indeterminação da voz poética - através dos recursos da proliferação de vozes (na segunda e na terceira pessoas, e no impessoal), do espaço em branco e do uso de apenas duas pontuações, a vírgula e os parênteses (estes, utilizados intensamente). Tais recursos e mais a estratégia do minimalismo, que recorta e distribui os versos entre duas e oito sílabas, entrecortam o ritmo do poema:

peça a ela que se desnude  
começa pelos cílios  
segue-se ao arame dos  
utensílios diários  
(insônia alinhavando-se  
de tiros,  
a infância seus disfarces)  
é preciso  
que se arranque toda a face  
deixar que os olhos descansem  
lado a lado com os sapatos  
na camurça oscilante  
de um quarto  
isso, se quer (sequer desconfia)

tocar o que se fia (um par  
de presas, topázios)  
entre os vãos das costelas  
abra o fecho ela desfecha  
no escuro o quadrante onde vaza  
a luz e suas arestas  
(DANIEL & BARBOSA 2002: 100)

Ao recorrerem à fragmentação, os poetas o fazem para assimilar e modificar legados do passado, além de procurarem responder a desafios de seu tempo. Dialogam com a herança da fragmentação modernista que, por sua vez, reelaborava os primórdios das experiências fragmentárias na obra e na teoria românticas. Hugo Friedrich, que inclui a fragmentação entre as características negativas usadas não para depreciar mas para definir a lírica moderna, capta nessa poesia uma finalidade obscura, a de indicar “uma transcendência em dissonâncias e em fragmentos, cuja harmonia e totalidade ninguém mais pode perceber” (1991: 34). Se mesmo o desejo romântico pela unidade permaneceu sempre fragmentário, como mostra o jovem George Lukács em seu ensaio sobre Novalis<sup>2</sup>, nos poetas modernistas o sentimento da dispersão se eleva a horizonte existencial, qual em "Vontade de dormir", de Mário de Sá-Carneiro:

Fios de outro puxam por mim  
A soerguer-me na poeira  
– Cada um para o seu fim,  
Cada um para o seu norte...  
.....  
– Ai que saudades da morte...  
.....  
Quero dormir...ancorar...  
.....  
Arranquem-me esta grandeza!  
Pra que me sonha a beleza,  
Se a não posso transmigrar?...  
(1995: 90)

Os autores modernos, conforme demonstra Raymond Williams através de Eliot, James Joyce e outros, tornaram-se responsáveis pela criação de uma imagística típica da consciência urbana, com repercussões decisivas sobre a própria escrita das narrativas e poemas (1990). Para Williams, Joyce é a realização mais acabada dos novos modos de percepção e identidade, alterados no espaço das cidades modernas. A originalidade de Joyce, seu modo de ver “fragmentado, promíscuo, isolado” concretiza-se em uma “nova estrutura da linguagem” (1990: 330).

A exposição sobre as relações entre modernismo e fragmentação, precisa conter ainda um outro elemento, de natureza formal, que desnuda o esforço dos líricos modernos em estabelecer elos entre o presente – o novo – e a tradição, simultâneo com as iniciativas de vanguarda. Ivan Junqueira registra essa prática multifacetada no estudo sobre a poética do fragmento, em Eliot, exemplar dentro do modernismo. Através dela, o poeta revitaliza materiais tomados de empréstimo a outros autores, entre eles Jules Laforgue, Dante, em termos de um “processo de eliotização” (JUNQUEIRA 1981: 18). Além dessa via intertextual, a técnica de fragmentação eliotiana tem outra, intratextual: ele reutiliza poemas seus, isolados, e faz dessas peças, nas suas palavras, “uma espécie de todo” (Junqueira 1981: 20).

Os poetas atuais, que começaram a publicar entre os anos 80 e 90, retomam essas perspectivas modernistas da fragmentação, transformadas pelas poéticas do *intermezzo*: antilira cabralina, concretismo, poema-práxis, poema-processo, Tropicalismo e Poesia Marginal. Jogos lúdicos, enleios com a linguagem, e a esfinge da nova era em gestação renovam os sentidos de suas práticas fragmentárias. A lírica hesitante já tem os sinais dos anos 80, quando se intensificam no Brasil as repercussões do processo histórico da globalização. Na reflexão sobre as variadas narrativas e metáforas a respeito dos processos globalizadores, Néstor García Canclini (2003) lembra que esses surgem na segunda metade do século XX, após as etapas históricas da internacionalização (iniciada com as grandes navegações transoceânicas) e da transnacionalização da economia e cultura (a partir da primeira metade do século XX, quando as interconexões ainda traziam as marcas das nações originárias).

Interessa-me especialmente, em termos da teorização sobre fragmentação e poesia atual, lembrar que para Canclini a primeira é um traço estrutural dos processos globalizadores. O que se costuma chamar de globalização, ele afirma, “apresenta-se como um conjunto de processos de homogeneização e, ao mesmo tempo, de **fragmentação articulada** do mundo que reordenam as diferenças e as desigualdades sem suprimi-las” (grifo meu) (CANCLINI 2003: 44-45). Na procura de nomear os tempos atuais, a poesia da hesitação realiza sondagens, destinadas a falar do paradoxo de um mundo que se expande como uma grande cena da unidade permeada, infiltrada de processos fragmentários nos campos socioeconômicos e culturais. É o caso de *Ausgang*, de Age de Carvalho, em que a abertura, o caminho é, simultaneamente, diferentes conexões:

(AUSGANG, a saída  
Uma porta  
se oferta  
experiente  
para outra porta,  
aberta  
(por dentro,  
onde já não arde  
um passo sobre  
a neve  
ou  
o próximo  
último, sem despedida)  
para outra  
porta )  
(1990: 41)

Situados entre as tensões redimensionadas do local/global, universal/nacional/tradição/atualidade, os poetas e narradores lidam com a composição de um novo texto. No trabalho criativo na Era das Reciclagens, eles vivenciam de modo intensificado o que Eni Orlandi detecta na relação texto-discurso: “não há discurso que produza um texto único, uma formulação só. Não há univocidade entre memória, discurso, texto. A incompletude se liga à dispersão” (2001: 135). Carlos Reis registra que estão sendo questionados os princípios de produção dos textos literários: o de estabilidade, o da coerência, o da linearidade, e o da discreção (este último, relacionado às feições do texto). Conforme Reis, as características da escrita literária na era digital são: mais que textual, hipertextual; dinâmica, intertextual, interativa, lúdica, e

fragmentária. Ele esclarece que o fragmentário vai se estabelecendo porque “ a propensão intertextual tende a revogar a coerência e a unidade dos textos” (REIS 2001: 12).

A baliza dos anos 80 – e aqui estou acompanhando a proposta de Pedro Lyra<sup>3</sup> – indica que a lírica hesitante já tem uma geração de poetas formada, com produção em livro sobretudo a partir dos anos 90, e uma geração em seus começos, com lançamentos desde 2000. O gaúcho André Dick, que em 2002 surgiu com seu primeiro livro, *Grafias*, é um deles. Ao resenhá-lo, Paulo Ferraz afirma que o autor faz do mundo em fragmento a principal matéria de sua poesia, quer na forma, quer no conteúdo” (2003: 216). Posso acompanhar essa leitura de Dick se leio seu metapoema “Alguma palavra”:

alguma palavra  
fragmento, saudade,  
cheiro que,  
quando a porta  
se fecha, apenas  
deixa de sê-lo,

a não ser -  
enquanto existe -  
costuma durar,

ficando, às vezes,  
na roupa, no cabelo,  
na manga da camisa

como cheiro de cigarro  
sem a pretensão  
de existir.

(DANIEL & BARBOSA 2002: 320)

Os poetas hesitantes convivem na cena poética da atualidade com autores relacionados sobretudo ao código modernista, entre eles Lara de Lemos, Armino Trevisan, Affonso Romano de Sant’Anna. Entre os hesitantes, a poética da fragmentação se alia a dois movimentos contemporâneos: o das hibridizações, intercâmbios; e os dos percalços para nomear sensações e sentimentos de eus cindidos, como se a poética da expressão se infiltrasse no arcabouço construtivista do poema. Na primeira vertente, o livro *Nômada* (2004), de Rodrigo Garcia Lopes, traz o poema “Arte do intervalo”, que revela - motivo insistente na poesia da atualidade - a tentativa de nomear o que se encontra *entre* as palavras, *entre* as coisas e os seres, *entre* os tempos. É como se eu lírico estivesse buscando, não a Unidade, mas aquilo que, precariamente, estabelece pontes, interconexões:

O real não está nas coisas.  
Nas coisas só existe a mente  
insaciável, analógica, ciosa:  
o que lhe interessa é o entre.

Ver é trans-ver, rever reflexos  
e oásis de passagens, não foto,  
vazios, paisagens, nexos

para onde me transporto.  
(LOPES s.p.)

Na via da expressão, a pena e as obsessões do amor são de-compostas na releitura, paródica, de Camões e Dante, em “Revisitando o Inferno na paixão”, de Valdo Motta:

Em águas tantas vezes navegadas,  
de dor em dor, no dia-a-dia, ser  
o bêbado batel entre corais  
(arraís e co-arraís já enjoados)  
assim vagando em círculos, sem mais  
combustível além do desespero  
em águas tantas vezes navegadas. (HOLLANDA 1998: 299)

Indecisa, hesitante, a poesia brasileira atual assimila e renova a escrita literária, como se atendesse à reflexão paródica, provocativa, sobre a condição do poeta, em “Histórias de pescador”, de Alckmar Luiz dos Santos:

Porém, se mostra e diz, é o que não há  
– Que é dele o ofício, sempre, de enganar  
Fazer que todo ouvinte vire anhoto –  
E tudo que é exagero vem de par  
Com a pouca, certa e vera história, mas  
Sem ele, é vida, isso, esse assomo? (2001: 11-12)

## NOTAS

<sup>1</sup> A pesquisa é desenvolvida, desde 2002, junto ao Mestrado em História da Literatura da FURG (Rio Grande - RS).

<sup>2</sup> Trata-se de “On the Romantic Philosophy of Life”, de 1907. In: LUKÁCS, Georg. 1974. *Soul and Form*. London: Merlin Press. p. 42-54.

<sup>3</sup> A propósito da poesia brasileira do século XX, Pedro Lyra (1995) considera como gerações decisivas: Geração de 22, Geração de 45, Geração de 60 e Geração de 80.

## OBRAS CITADAS:

- CANCLINI, Néstor García. 2003. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras.
- CARVALHO, Age de. 1990. *Ror*. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria do Estado da Cultura.
- DANIEL, Claudio & BARBOSA, Frederico. 2002. *Na virada do século: poesia de invenção no Brasil*. São Paulo: Landy.
- FERRAZ, Paulo. 2003. “Novíssima poesia brasileira: uma apresentação das poesias de Douglas Diegues e André Dick”. *Sibila*, v. 3, n. 4, p. 210-223.
- FRIEDRICH, Hugo. 1991. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. 1998. *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- JUNQUEIRA, Ivan. 1981. “Eliot e a poética do fragmento”. T. S. ELIOT. *Poesia*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 11-48.
- LOPES, Rodrigo Garcia. s.p. *Nomadaversaoabril.doc*.
- LYRA, Pedro. 1995. *Sincretismo: a poesia da Geração de 60: introdução e antologia*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- LYOTARD, Jean-François. 1998. As regras da eficácia. *Folha de S. Paulo* (São Paulo), 11 out. Caderno Mais!, p. 11.
- ORLANDI, Eni. 2001. “Boatos e silêncios: os trajetos dos sentidos, os percursos do

dizer." *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes. p. 127-139.

REIS, Carlos. 2001. "Criação literária na Idade Digital." In: 4º Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros, 1999, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: CPL-PUCRS.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. 1995. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. 2001. *Rios imprestáveis*. São Paulo: Lemos.

WILLIAMS, Raymond. 1989. *O campo e a cidade: na história da literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.